

Paul Theroux

O Outro Lado do Paraíso

The Lower River

Tradução de Antonio Sabler

*E io a lui: «S'i vegno, non rimango;
ma tu chi se', che sì se' fatto brutto?»
Rispuose: «Vedi che son un che piango.»*

*E eu: «Se venho, não fico, mas que fama
é a tua, que assim te fazes bruto?»
Respondeu-me: «Sou um que chora e bra-
ma.»*

DANTE, *Inferno*, Canto VIII, 34-36

I

Despedida



A MULHER DE ELLIS HOCK DEU-LHE um novo telemóvel pelo aniversário. Um *smart phone*, disse ela.

— E sabes que mais? — Tinha um modo afetado, teatral, de oferecer prendas, fazendo pausas para captar toda a atenção. — Vai mudar a tua vida.

Hock sorriu porque ia fazer sessenta e dois anos, não era idade para alterar hábitos de vida, apenas para subtis restrições.

— Traz uma quantidade de funções — disse Deena. A ele pareceu-lhe frívolo, um brinquedo frágil e caro. — E será útil na loja. — A Hock's Menswear em Medford Square.

O telemóvel que tinha era impecável, disse ele. Eficaz, diminuto, com tampa rebatível e apenas uma função.

— Vais-me agradecer.

Agradeceu, mas sopesou o seu velho telemóvel na mão, como para contradizê-la, mostrando que a vida dele não mudara.

Para marcar a sua posição (o presentear dela podia denotar hostilidade, e este parecia ser o caso), Deena ficou com o novo telemóvel mas registou-o em nome dele, usando a conta de e-mail. Feito o registo, recebeu duma assentada todos os e-mails da conta dele até àquele dia, todas as mensagens que Hock recebera e enviara, milhares delas, incluindo as que ele supunha ter apagado, muitas enviadas por mulheres, boa parte delas afetuosas, uma revelação tão completa da sua vida privada que se sentiu escalpelizado,

pior que isso, sujeito à magia negra chamada *mganga* que muitos anos atrás conhecera em África, com um feiticeiro curandeiro e adivinho que o virara do avesso, a escorregadia mixórdia das suas entranhas derramada por terra. Agora era um homem sem segredos, ou melhor, com todos os seus segredos expostos a uma mulher com quem era casado há trinta e três anos, para a qual esses segredos eram dolorosas novidades.

— Quem és tu? — perguntou-lhe Deena, uma fórmula interrogativa que devia ter ouvido algures — em que filme? Mas era ela que parecia uma estranha, com os olhos vidrados, e empunhando furiosa o novo telemóvel, como uma arma, feições marcadas fixas nele num rosto rubro enraivecido. — Feriste-me! — E parecia ferida. O atrevimento dela suscitou a sua comiseração e ficou assustado, como se a tivesse encontrado a beber.

Hock hesitou, a mulher furiosa queria saber tudo, mas de facto ela já sabia tudo, os pensamentos dele estavam todos naquele telemóvel. Ela não sabia porquê, mas nem ele sabia. Ela exigia detalhes e explicações. «Quem é a Tina? Quem é a Janey?» Como podia ele negar o que estava patente no ecrã do seu novo telemóvel, mensagens furtivas, enviadas e recebidas, que ela ignorava por completo? «Víbora! Tu assinaste “com amor”»!

Ele viu, primeiro com alívio, quase hilaridade, depois horror, e finalmente tristeza, que nada na sua vida era agora garantido, salvo que o seu casamento chegara ao fim.

*

Atribuiu aquilo à solidão. Não queria dizer isolamento. Era dono duma loja de roupa masculina, e o negócio fora, digamos, fraco, mas não mau, durante anos. A loja estava em quebra. A história da loja era a história da sua família em Medford, da inserção deles na cidade, do desejo de se integrarem. O avô de Ellis, imigrante italiano, fora aprendiz dum alfaiate ao chegar a Nova Iorque. O seu primeiro trabalho remunerado foi com um primo desse homem, também alfaiate, na rural Williamstown, Massachusetts, onde chegou de comboio, sem saber inglês. Ajudava a fazer fatos

para os abastados alunos do liceu local. Embora não fosse mais velho do que eles, tinha de ajoelhar-se e desenrolar a fita métrica por esses corpos, e timidamente enunciava as medidas em italiano. Três anos naquilo e depois empregou-se como cortador numa alfaiataria no North End de Boston. Uma vez casado, a fim de estabelecer-se por conta própria, pediu emprestado dinheiro à sogra viúva (que viveria com eles até à morte) e arrendou um espaço em Medford Square, abrindo a sua própria alfaiataria.

A mudança para Medford envolveu outra mudança, mais considerável: tornou-se um novo homem, mudando o seu nome de Francesco Falcone para Frank Hock. Pedira a um alfaiate em North End para traduzir *falcone*, e o homem dissera «falcão»¹, com sotaque local, e o pouco letrado homem escrevera com giz de alfaiate num retalho de fazenda, soletrando como ouvira. Aquilo foi anunciado numa tabuleta: Hock's Tailors. Frank tornou-se conhecido como mestre alfaiate, com rolos de primeira qualidade de lã, de linho, de seda e de algodão do Egito, dispostos nas suas prateleiras. Fumava charuto enquanto cosia e, ainda na casa dos trinta, empregou dois assistentes para cortar e coser. A esposa, Angelina, deu-lhe três filhos varões, o mais velho batizado Andrea, chamado Andrew, que designou como aprendiz. O negócio corria de feição, e Frank Hock era tão frugal que poupou o bastante para comprar a loja e por fim todo o prédio. Recebia rendas dos inquilinos dos andares de cima e das outras lojas, incluindo uma lavanderia chinesa, Yee's, na porta ao lado. Joe Yee passava a ferro os fatos acabados de fazer e oferecia-lhe uma caixa vermelha com líchias pelo Natal.

Quando Andrew Hock regressou da Segunda Guerra Mundial, Medford Square começava a modernizar-se. O velho Frank passou o negócio a Andrew, que antes trabalhara com o pai. Mas Andrew não se interessava pelo meticuloso trabalho de alfaiate. Achacado com artrite nas mãos, o velho retirou-se. Andrew vendeu o prédio e comprou um espaço numa zona comercial recente,

¹ «Hawk» em inglês. (*N. do T.*)

em Riverside Avenue — o rio Mystic passava mesmo por detrás — e fundou a Hock's Menswear, uma versão melhorada da alfaiataria de Frank em Salem Street.

Ellis nasceu no ano seguinte à abertura de Hock's Menswear, e mais tarde ali trabalharia quase todas as tardes dos anos de liceu, pisando a fundo o pedal e baixando a tampa da máquina de passar a ferro na cave da alfaiataria, com o alfaiate Jack Azanow, um imigrante russo. Ellis também engraxava sapatos, dobrava camisas e compunha os casacos manuseados pelos clientes, «ordenhando» as mangas — uma expressão do pai. De quando em quando vendia algo. Os natais eram concorridos e festivos, com o frenesi das pessoas em busca de presentes, fazendo despesas extra, pedindo para fazer embrulhos de presente, outra das tarefas de Ellis. A atividade da loja nessa quadra, e na Semana Santa, e no Dia do Pai — essa vitalidade, o lucro evidente — quase o convenceu de que poderia fazer carreira no negócio. Mas esse futuro alarmava-o como uma sentença de prisão perpétua. Detestava a ideia de confinar-se na loja, mas qual era a alternativa?

Ao formar-se pela Universidade de Boston, em Biologia, perante a perspectiva de ir parar ao Vietname, concorreu para o Corpo de Paz e foi aceite. Enviaram-no para uma terra de que nunca ouvira falar, a Niassalândia, que viria a ser a república independente do Malawi, e tornou-se professor numa escola rural numa região conhecida como Lower River. Havia algo de místico no nome, como se fosse um afluente subterrâneo do rio Estige — distante e obscuro. Mas «lower» significava apenas curso meridional, e o rio era obscurecido por dois grandes lamaçais, um chamado o Paul do Elefante, o outro o Peru.

Era feliz em Lower River, completamente desligado de casa, e até da capital desse país, numa zona ribeirinha desconhecida e descuidada, único estrangeiro na aldeia de Malabo, exercendo a profissão de professor e sumamente feliz.

Ao cabo de dois anos, renovou a comissão por outros dois, e uma tarde; já perto do final do quarto ano, foi-lhe entregue uma

mensagem por um chofer consular que chegou num *Land Rover*, um telegrama que chegara ao consulado americano: Para Ellis Hock em Malabo. *Papá muito mal. Por favor liga.* Não havia telefone na aldeia, e a linha principal no *boma*, sede do distrito, não funcionava. Hock regressou a Blantyre no *Land Rover*, e uma vez aí, ao telefone do cônsul, falou com a mãe em lágrimas.

Fora tão feliz que nunca ponderara a eventualidade de deixar Lower River, e no entanto, dois dias depois de receber a mensagem seguia num avião para a Rodésia, e mediante várias cansativas escalas, para Nairóbi, Londres, Nova Iorque e Boston. Finalmente de volta a Medford, achava-se sentado à cabeceira do pai, no hospital.

O pai exultou com surpresa ao vê-lo, como se o regresso de Ellis fosse uma coincidência, sem relação com a sua saúde precária. Deram um beijo, deram-se as mãos, e menos de duas semanas depois, respirando com dificuldade, Ellis abraçando o velho corpo claudicante, o pai morreu. Eram três da manhã; a mãe fora dormir para casa.

— O senhor acha-se bem? — perguntou a enfermeira do turno da noite, tendo confirmado que o pai exalara o último suspiro.

— Sim — disse Ellis, e censurou-se pela mentira. Mas receava também dizer a verdade, porque ele próprio se sentia morrer de desgosto.

Foi para casa, e quando ela acordou, às sete, contou à mãe, que soltou um gemido. Ellis não conseguia parar de chorar. Um velho amigo, Roy Junkins, tendo ouvido que ele regressara de África, ligou-lhe no dia seguinte. Enquanto o outro lhe falava, Ellis soluçava, incapaz de se dominar, mas sem sentir mais vergonha pelas suas lágrimas do que se estivesse a sangrar. E algo naquele momento — a chamada telefónica, as lágrimas — fortaleceu os laços entre os dois homens.

Após o funeral, a leitura do testamento: a Hock's Menswear era dele. À mãe coube uma soma de dinheiro e a casa familiar.

— O papá queria que ficasses com a loja.

Deixara África abruptamente — tão abruptamente como se tivesse deixado lá uma irrecuperável parte de si mesmo. Deixara para trás um verdadeiro lar: os utensílios de cozinha e todos os pertences, roupas, binóculo, rádio de ondas curtas, as cobras de estimação em cestas e gaiolas. Tudo o que trouxera fora o que coubera numa mala.

Era agora, com vinte e seis anos, o único proprietário da Hock's Menswear. Tinha empregados — os caixeiros, o alfaiate Azanow, a mulher encarregue da contabilidade — e clientes fiéis. Dali a poucos anos casou com Deena, e pouco mais de um ano depois Deena deu à luz a filha, Claudia, a quem eles chamavam Chicky.

A sentença de prisão perpétua que receara estava em vias de se cumprir: o negócio da família, a mulher, a filha, a casa em Lawrence Estates, herdada da mãe por morte desta. Todos os dias, salvo ao domingo, seguia para a loja às oito, estacionava nas traseiras, em frente ao rio Mystic, conferia o inventário e as entregas com Les Armstrong e Mike Corbett, e abria às nove. Ao meio-dia, uma sande no Savage's, o restaurante do outro lado de Riverside Avenue; depois do almoço, a loja. Por vezes Les ou Mike evocavam os seus anos no exército, em tom sonhador, mas estavam sempre a falar da guerra. Ellis sabia o que eles sentiam, mas não se referia à África, salvo com o seu amigo Roy, que de vez em quando aparecia. Às cinco e meia, quando Les e os outros se iam, fechava a porta principal e ia para casa jantar.

Era a vida que muita gente levava, e mais afortunada que a da maioria. Ter uma loja de roupa para homens em Medford Square tornou o seu trabalho também social, e vender roupa cara implicava que também se vestisse bem.

Mais de trinta anos nisto. Raramente tirava umas férias, embora Deena arrendasse uma casita em Cape Cod no verão. Conduzia até lá nas tardes de sábado para passar o domingo com ela e Chicky. E depois que os pais dela se mudaram para a Florida,

Deena passava com eles uma semana por outra. Chicky cresceu, formou-se no Emerson College, casou-se e comprou um apartamento em Belmont.

Nada mudaria, sentia-o. No entanto as mudanças vieram, primeiro como sintomas, depois como factos. O negócio decaiu, Medford Square mudou, o tecido urbano alterou-se, um restaurante vietnamita substituiu o Savage's Deli, depois a Woolworth's e a Thom McAn fecharam. Os sapateiros, a lavandaria e as lojas de televisores desapareceram e por fim o pior de tudo, montras vazias, vidros partidos. A velha padaria que vendia pão fresco vendia agora donuts, integrada numa cadeia de lojas. Um novo centro comercial em Wellington Circle com grandes armazéns e muitas pequenas lojas era agora o local das compras. A Hock's Menswear era mais tranquila, mas ainda digna, o que lhe conferia um ar sóbrio, com se fosse a relíquia da antiga alfaiataria — uma loja de roupa para homens num centro citadino minguate e obsoleto.

Mas o edifício — o bem imobiliário — constituía o seu património. Ellis antevia um tempo, não muito longínquo, em que venderia o prédio e se retiraria para viver do rendimento. Entretanto, mantinha o seu horário, das oito às cinco e meia. Atendia os clientes pessoalmente, como sempre fizera, para dar o exemplo e simplesmente para falar, escutar, inteirar-se das andanças dos demais, das suas experiências no mundo que ficava para além da porta da Hock's. Dispondo apenas de um caixeiro, participava mais das vendas ao público, e isso agradava-lhe, aguardava o momento de falar com os clientes, cuja experiências partilhava.

Sabia que o negócio estava condenado, mas conversar mantinha-o vivo, tal como falar com um inválido acamado devolve a ilusão da esperança. Os centros comerciais e as grandes cadeias de lojas, repletos com espaço e inventário, prosperavam porque tinham poucos empregados, ou colaboradores, como agora eram chamados. A Hock's era o género de loja onde o lojista e o cliente discutiam a cor duma gravata, o estilo dum fato, o corte dum sobretudo, o cair duma camisola. «É suposto ficar largueirão» e «Este sobretudo não assenta tão bem como aquele.» As novas lojas

também não ofereciam a mesma qualidade que a Hock's — tweeds escoceses, camisas inglesas, meias de xadrez aos losangos, malhas irlandesas, artigos de couro italianos, os também italianos borsa-linos, e sapatos dos últimos grandes fabricantes nos Estados Unidos. A Hock's ainda vendia coletes, gravatas e chapéus tiroleses em veludo, com peninha. A qualidade era sugerida por um vocabulário específico para a mercadoria — o vestuário, concretamente: meias, calças, malhas; um casaco de malha era um *cardigan*.

Cada transação pressupunha uma conversa, por vezes longa, acerca do acabamento do tecido, do tempo, do estado do mundo. O fator humano, a conversa, aliviava a penumbra da loja vazia e resgatava-a do seu fado. O cliente era geralmente um homem de idade à procura duma gravata ou duma boa camisa ou dum casaco de *sport*. Mas muitas vezes a mulher procurava um presente para o marido, o pai ou o irmão. Ellis retinha-as com a sua conversa, expondo as possíveis opções. «Estas meias são fortes como aço» e «Esta camisa é de algodão Sea Island — o melhor» e «Esta pele de camelo torna-se mais confortável com idade, mais suave com cada lavagem a seco.»

Nos últimos oito ou dez anos perguntava aos mais possibilitados, mulheres sobretudo, «Temos o seu endereço de e-mail na sua ficha?» Daí manter um contacto ocasional, esclarecendo, oferecendo sugestões para novas aquisições, descrevendo artigos à venda, muitas vezes acrescentando uma observação pessoal, uma linha ou duas, em tom levemente galante. Se tinham comprado roupas para viajar, ele perguntava por essas viagens. Essa era a sua atividade ao princípio da manhã, no computador do escritório, quando estava sozinho, sentindo-se pequeno na sua solidão, para se animar, para ajudá-lo a enfrentar a banalidade do dia. Esses sussurros inofensivos acalmavam-no, aplacavam a fome do seu coração, não de sexo, mas um obscuro anseio. Muitas mulheres respondiam no mesmo espírito: uma palavra amigável era sempre bem acolhida.

Nos últimos anos essas mensagens de e-mail tinham acabado por representar uma constante na sua vida, uma narrativa de amizades, calorosa, que inspirava confidências, alusões privadas, pedidos de ajuda ou conselho. Mas como encontrava as mulheres apenas quando elas iam à sua loja, o que era raro, estes eram seguros, não passavam de inconclusivos sussurros no escuro, se bem que comparados com a monotonia do seu dia a dia de lojista fossem como o bafo do êxtase.

Eram umas vinte ou trinta mulheres que ele cortejara desse modo, de várias idades, próximas e distantes, e estas incluíam velhas amigas, a querida do liceu e a parceira do baile de fim de curso. Ainda a viver na cidade onde nascera, sentia-se saturado. Só estivera ausente durante esses quatro anos em África, como jovem professor no distrito de Lower River.

Quando Deena lhe mostrou todo aquele ano de e-mails, ficou mais chocado pela sua densidade do que pelo calor das confidências — embora alguns fragmentos o deixassem desconcertado. Escrever era uma forma de esquecer, e agora tudo aquilo tornava a ele e lhe lembrava cada palavra que dissera. Não sabia que um telemóvel, mesmo um apetrecho *high-tech* como aquele, podia aceder a tantas mensagens, enviadas e recebidas, durante doze meses, incluindo as que apagara (a maior parte delas) e que julgara, tendo-as arrastado para o ícone do caixote do lixo, que se tinham ido para sempre.

Mas tinham reaparecido, uma longa lista aleatória, crónica inapagável do seu passado, que em grande medida esquecera. E assim começou o interrogatório, com Deena sentenciando, «Quero saber tudo» — outra tirada dum filme? Ela detinha na mão toda a memória dele, a sua história secreta do ano anterior, e daí, «Quem é a Rosie?» e «Fala-me da Vickie.»

Estava mudo de embaraço e fúria. Envergonhado, espantado, não podia explicar tal número de mensagens ou justificar o seu tom de galanteio, as intimidades com estranhas, todos os

pormenores irrelevantes. Ele falava-lhes do seu dia a dia, das viagens delas, de livros, da sua infância; e elas faziam o mesmo, relatando as suas histórias.

— Qual é o teu problema, Ellis?

Não sabia. Baixou a cabeça, mais para proteger-se de algum golpe do que contrito. A partir do momento em que chegava a casa do trabalho, durante um mês ou mais, ele e Deena não paravam de discutir. As últimas palavras para ele na cama, à noite, eram de recriminação.

E quando acordava, bocejando, saindo dum sonho precário e ridículo, antes que se lembrasse da crise dos e-mails, ela recomeçava, tocando o alarme, a língua como se fosse o badalo do sino, o dedo apontado à cara dele, vociferando que fora traída. Certas manhãs, após uma noite de furiosa discussão, um vaivém de súplicas e insultos, Ellis acordava meio aturdido, a cabeça doía-lhe como numa forte ressaca, e nem conseguia trabalhar.

Deena exigia pormenores, mas as poucas pistas que ele oferecia só a irritavam mais; e ela não perdoava, para quê incomodar-se? Tudo parecia inútil, um uivo de dor. Ela era um polícia exaltado que o apanhara em flagrante, e não vociferava para sacar a verdade — já a sabia toda — mas porque estava no seu direito, desejando apenas feri-lo e humilhá-lo, vê-lo retorcer-se, fazê-lo sofrer.

Sofria, e via que ela também sofria, e mais do que ele porque era a parte ofendida. Mas ele sabia no que aquilo iria dar. De facto era como no teatro; ela precisava de representar todas as facetas do seu papel, cansar-se a ela e a ele com a exibição desse monte de lixo de confidências insidiosas, e quando ele fosse suficientemente punido, o fim era inevitável.

Iniciaram umas sessões com um conselheiro matrimonial, que se intitulava doutor Bob, um prazenteiro homem de meia-idade com licenciatura em psicologia, tom professoral e convencional vestimenta de universitário: casaco de tweed, camisa, calças de caqui e mocassins, provavelmente comprados numa das lojas do centro comercial, pensou Ellis. O que mais afetava Ellis e Deena,

além das sessões, eram os encontros casuais com um ou outro cliente do doutor Bob, alguém perturbado — drogas?, álcool? —, saindo do consultório quando chegavam, ou alguém angustiado, de cabeça baixa, no sofá da sala de espera, quando saíam.

O doutor Bob escutou-os atentamente na primeira sessão e disse que tal descoberta de e-mails comprometedores estava longe de ser rara.

— Ocupo-me de três outros casais na vossa situação. Em cada caso, o homem é o colecionador.

Não atribuiu culpas, era simpático com ambos, e a dada altura, ao cabo da primeira hora, Deena sentada chorosa com as mãos no regaço e Ellis perguntando a si mesmo porque enviara tantos e-mails, pôde ouvir-se o doutor Bob que enigmaticamente sussurrava:

— Como era aquela velha canção, «rasgando a minha dor com os seus dedos...», algo sobre arder em febre, não sei o quê sobre a multidão. — Depois erguendo a voz, mas ainda no tom confidente de cantor de charme: — «Sinto que ele achou as minhas cartas e as lê em voz alta...»

— Por favor — disse Deena —, isto não é para rir.

— Estou a tentar pôr a sua situação em contexto — disse o doutor Bob. — Há outros precedentes. Como a mulher lhe vasculhava a correspondência, Tolstoi abandonou o lar. E morreu numa gare de caminho de ferro. Tinha oitenta e dois anos.

Na sessão seguinte o doutor Bob fez perguntas diretas e agiu, pareceu a Ellis, como um árbitro. Dessa vez não cantou. E voltaram para mais sessões.

Mas em vez de consertar o casamento ou acalmar Deena, o aconselhamento tornou as coisas ainda piores, dando ocasião a ventilar velhas ofensas, conflitos que, antes daquelas sessões, Ellis decidira não abordar. Mas porque não mencionar as frustrações, os lapsos, as crises que tinham ficado sem solução? Os ressentimentos foram desenterrados e discutidos. Com um árbitro, uma testemunha, eles podiam ser francos.

O doutor Bob assentia e sorria compreensivo, como o padre Furty de Saint Ray's, um sacerdote ao velho estilo — bebedor

inveterado, sempre cordial. Ele deixava falar Deena, depois Ellis, ambos implorando que entendesse o respetivo ponto de vista, a validade das alegações, como para decidir «de quem é a bola?» numa *melée* de futebol americano.

— O que noto é que... — disse ele.

Deceções nunca antes referidas eram agora ventiladas, e as sessões tornaram-se acrimoniosas: os amigos de Deena, as ausências dela; a frieza de Ellis, as suas ausências.

— Vocês têm levado vidas separadas...

Ellis pensou, «Sim, talvez por isso a minha vida tenha sido suportável». Não era um prazer, era um alívio, ir trabalhar pela manhã. A monotonia era como um amigo inócuo. Apavoravam-no os domingos em casa; detestava sobretudo as férias. Ellis nunca encontrara alguém que detestasse as férias, pelo que guardou esse sentimento para si.

Embora Deena não deixasse de cismar naquilo — a questão dos inúmeros e carinhosos e-mails — a disputa levou Ellis a defender-se com memórias de outras disputas.

— Quero saber porque mandavas e-mails a essas mulheres — disse Deena.

O doutor Bob sorriu para Ellis, que disse:

— Também eu gostava de saber.

— O meu nome nunca aparece nesses e-mails. Tu nunca reteres que és casado. Eu não existo. *Porquê?*

Ellis respondeu assombrado que não sabia.

No seu afã de obter o apoio do doutor Bob, Deena exclamou:

— Ele conta-lhes o que anda a ler! Ele diz-lhes o que vai almoçar!

Entretanto, após um mês de aconselhamento (e a loja sofria com as suas ausências), todo o contacto com as mulheres dos e-mails fora suspenso. Deena ainda detinha o telemóvel, e verificava-o todos os dias. Pegava nele com asco, como se fosse o próprio Ellis, com um ódio bem patente; e ele também não suportava vê-lo.

Ellis, por insistência de Deena, arranhou um novo endereço de e-mail, e usava-o só para o trabalho. Sem contacto com aquelas

mulheres, ficara surdo, mudo, sem amigos, mas ainda não conseguia entender as mensagens que enviara, a sua amizade com tantas mulheres, o seu estranho tom, entre amoroso e inquiridor. Dissera a uma delas, «És o tipo de mulher que eu levaria para a selva africana», e estremeceu ao recordá-lo.

— Acho que estava interessado nas vidas delas — disse ele.
— Era curiosidade. Havia uma trama naquelas vidas, uma narrativa implícita. Sempre gostei de escutar as histórias das pessoas.

Esboçando o gesto do guardar algo no bolso, o doutor Bob perguntou:

— Mas não era como se as estivesse a guardar no bolso traseiro para mais tarde agir?

Ellis disse que não, mas não tinha a certeza. A solidão da loja, a incerteza do negócio, faziam-no sonhar. Não sabia como dizer aquilo à esposa — não só destroçada pela dor, mas furiosa — e ao assertivo conselheiro. O doutor Bob teria dito, «Sonhar o quê?» E Ellis não tinha resposta.

— Há algo que queira dizer à sua mulher? — disse o doutor Bob.

Ellis fixou o rosto furibundo de Deena, e disse:

— Estás a desperdiçar o teu jogo.

Pedindo silêncio — Deena começara a objetar — o doutor Bob dirigiu-se a Ellis.

— Vejo-a à deriva — e explicou o que pretendia dizer com aquilo.

Ellis assentiu. A expressão era perfeita para o que sentia, desligado, sem vínculo real, implicado num trabalho que assumira como última vontade de seu pai, manter o negócio familiar. Mas o seu coração não estava ali — nunca estivera.

Quando, perguntou o doutor Bob, fora ele feliz?

Ellis disse:

— Eu vivi em África.

— Oh, meu Deus — disse Deena.

— Queria dizer no seu casamento — disse o doutor Bob.

Mãos juntas sob o queixo, como em oração, Ellis pôs-se pensativo e tentou evocar uma ocasião, um acontecimento, algo alegre, um pequeno quadro de orgulho e prazer. Mas nada surgiu. Eram trinta e três anos de altos e baixos, demasiado tempo para resumir. Tinham casado: anos para partilhar, para aguentar, para negociar, para superar. Sim, muita felicidade — mas não se conseguia lembrar de algo em específico. O casamento era uma viagem sem destino.

Vendo Deena esparramada na cadeira, aguardando que ele rompesse o silêncio, Ellis sentiu-se de novo triste. A imagem dos dois, achacados por uma espécie de aflição, com o doutor entre eles, fê-lo sentir-se infeliz. Era como se estivessem em presença de um doente terminal, o casamento moribundo; e parecia que aquelas últimas semanas tinham sido isso, um velório — na penumbra — ou uma dança macabra, a histeria perante a perspectiva do desenlace.

Tampouco conseguiam manter uma conversa coerente sem o doutor Bob estar presente. Ellis via-se com sessenta e dois anos, Deena com sessenta, dois velhos que teriam agora, com o fracasso do casamento, de seguir caminhos separados, lamentáveis figuras afrontando um vento desfavorável, ou pior, com uma jovialidade assustadora, falando de «novos desafios», de começar de novo, integrando grupos de apoio, praticando yoga, jardinagem, voluntariado, caridade, ou pior ainda, golfe.

As sessões de aconselhamento continuaram, mais rancorosas, provocando novas ofensas, afastando-os ainda mais. Mas a par dessa melancólica visão de separação Ellis viu alívio, também, a paz de ficar só. Apostava que Deena sentia o mesmo, porque um dia, após uma sessão, de volta a casa no carro, ela pareceu acordar e disse:

— Eu quero a casa. Não vou ceder aquela casa. A minha cozinha, os meus armários.

— Eu posso arranjar um apartamento — disse Ellis. — Mas o negócio é meu.

— Vou precisar de algum dinheiro — disse Deena, e notando que Ellis não reagia, acrescentou: — Uma quantidade dele.

E assim, disputando-se, cada um fez as suas exigências. Por sugestão do doutor Bob consultaram um advogado e dividiram os bens.

Ouvindo isto, Chicky disse:

— E eu?

— Tu ficarás bem — disse Ellis.

— E se vocês se tornarem a casar?

Deena olhou para Ellis e riu-se, e ele respondeu, rindo também, a primeira vez em meses que tinham partilhado um momento assim, de regozijo. Detiveram-se, não porque os tivesse entristecido a efusão, mas porque o amor implicado nesse riso os envergonhava, recordando-lhes que no seu casamento tinham conhecido muitos momentos felizes como aquele.

Chicky, perplexa, e pondo-se muito séria, disse:

— Dougie provavelmente será despedido. Nós podíamos aproveitar o dinheiro. Quero já a minha parte.

— Parte — disse Ellis, fazendo eco à palavra dela —, parte de quê?

— Do teu testamento — disse Chicky.

— Eu estou vivo — disse Ellis, de olhos arregalados pela indignação.

— E como vai ser quando morreres? Se te casares outra vez, a tua nova família ficará com tudo, e eu a ver navios. Se não vejo o dinheiro agora, nunca o verei. Olha a mamã. Ela arrecada a parte dela.

Se esta conversa não tivesse sido num restaurante *sushi* em Medford Square — outro exemplo das mudanças na cidade — Ellis teria gritado para a filha e dado um murro na mesa. Depois, congratulou-se por ter mantido a calma e ter apenas sacudido a cabeça enquanto a jovem lhe espetava a sua indignação. Recapitulou a conversa naquela noite, primeiro com amargura, depois resignado. Deixemos que isto termine, pensou ele; que um redemoinho arrase tudo. Mais tarde propôs a Chicky um pagamento único. Ela pediu mais, como ele previra, mas deu-lhe a quantia que já tinha decidido.

O marido de Chicky estava com ela quando passou o cheque. Dougie era meramente um espectador da negociação familiar — Chicky ficara irritada por Ellis, recusando arrendar a loja ao marido, ter dito: «Para que serve ele?»

— Duvido que nos vejamos com frequência a partir de agora — disse Ellis, com a solene resignação do seu novo papel. — Por mim, dispenso.

— Por mim está bem — disse Chicky.

Dispondo a filha da sua parte do testamento, e voltando-lhe costas, sentiu-se como se já estivesse morto. Entristeceu-o pensar que ela não visse quanto aquilo era lamentável.

Embora se tivesse mudado para um apartamento em Forest Street — o velho liceu — ele e Deena ainda se iam vendo. Formalmente, algo timidamente, iam-se encontrando. Nenhum deles estava pronto para encontros íntimos com outras pessoas, e nem sequer as sessões com o doutor Bob tinham afetado a atração natural que tinham um pelo outro. Os encontros terminavam com um casto e geralmente tangencial beijo, e Ellis ficava sempre triste depois, sozinho no seu carro. Sabia que tinha causado dor a Deena, destruído o amor dela por ele, tornando-a desconfiada — talvez de todos os outros homens. Com o secretismo e confidências das suas mensagens, tinha-a traído. Por muito que fosse agora gentil com ela, não havia meio de alterar o passado. Em alguns dos seus encontros ela sentava-se ausente e silenciosa, sofrendo como um animal ferido, desconcertado. Ele não podia pensar em si mesmo, porque sabia que a ferida que infligira a ela nunca iria sarar.

Temia o dia em que Deena lhe diria, «Ando com alguém.» Ele contava-lhe que o negócio corria mal, e ela tentou consolá-lo, instando-o a vender o prédio, salientando o valor da propriedade, a sua boa localização.

Num desses encontros, ela devolveu-lhe o telemóvel — o instrumento da sua desgraça, que agora lhe parecia algo diabólico. Ou fora antes um grande instrumento purificador? De qualquer modo, pusera a descoberto toda a sua vida privada, mostrara-o sentimental, namoriscador, sonhador, romântico, insatisfeito, ansioso. Mas para quê? Que significavam todos aqueles e-mails? Que pretendia ele com todas essas emoções?